

Condé identificou-se com o seu programa e o levou a cabo. Realizou todas as exposições programadas e continuou o plano de edições em preparo, tendo publicado, em fac-símile, alguns álbuns com texto original e belas reproduções coloridas do acervo iconográfico da Biblioteca, entre as quais vale citar o *Álbum de Figurinos do Século XVIII* e o álbum *Beija-Flores do Brasil*.

Enquanto isso, na parte técnica e administrativa...

Não se pode afirmar que, sob o ponto de vista de eventos culturais e de publicações, esses vinte e poucos anos tenham sido estéreis. Dirigida às vezes por renomados intelectuais, porém sem a cancha do administrador, ou mesmo, reconhecendo tal carência, mas sem o cuidado de se cercarem de bons técnicos, a Biblioteca Nacional, sob esse aspecto, decaiu bastante. Uma biblioteca nacional, para receber, guardar, conservar e difundir a cultura de um povo, não pode desdenhar e muito menos menosprezar um trabalho de base, às vezes penoso e humilde, de tapar suas goteiras, caçar os seus fungos, fazer com que acendam as suas lâmpadas, brilhe o seu assoalho, deslizem bem azeitadas as dobradiças dos seus armários e corram livres e rápidos os desvãos da sua burocracia. Em 1971, no seu primeiro Relatório como Diretora, a bibliotecária Jannice Monte-Mór²⁶ relata com extrema clareza (crueza?) o descalabro administrativo com que se deparou, logo que assumiu a diretoria da Biblioteca:

- atraso no registro da contribuição legal;
- falta de tratamento técnico adequado das coleções;
- novo (endêmico?) atraso na publicação do *Boletim Bibliográfico*;
- lentidão e rotinas inadequadas ("6 (seis) anos de atraso no tratamento técnico da documentação até ser entregue ao usuário");
- "500 000 volumes em depósito desde os primórdios da instituição, que não haviam recebido ainda qualquer processamento técnico";
- "parte do acervo em estado de verdadeira calamidade", com 50% dos livros precisando de encadernação, 20% de restauração e mais da metade necessitando de lavagem química e